

O PESSIMISMO COMO PROTOFORMA DE NIILISMO EM “RESSURREIÇÃO”, DE MACHADO DE ASSIS: UMA PERSPECTIVA DE ESTUDO

Vitor Cei (UNIR)

RESUMO: Estudo do pessimismo como protoforma do niilismo em *Ressurreição* (1872), romance de estreia de Machado de Assis. O livro tem por mote o exame da possibilidade ou impossibilidade da “ressurreição” de duas personagens, Félix e Lívia, que haviam sido marcadas pela frustração de relações amorosas anteriores. A partir do envolvimento com Lívia, Félix esboça uma ressurreição para a vida. O título do livro refere-se, portanto, à ressurreição de um amor, o que não acontece, pois mesmo na ausência de confirmação da infidelidade de sua amada, o protagonista sofre com “dúvidas póstumas” que jamais permitiram conciliar o sentimento e as constantes suspeitas. Fica uma lacuna – uma vida sem amor (a incapacidade de amar como forma prévia de niilismo). Félix, incapaz de confiar nos outros, torna-se instrumento de sua própria ruína, rejeita o amor e se condena a um isolamento pejado de ilusões. A partir da análise do romance, defendo que o jovem Machado cunha um horizonte próprio de discussão do problema filosófico do niilismo, percebendo-o com penetração e constância; mas em lugar de representá-lo apenas superficialmente, como tema, em cenas e falas de personagens, incorpora-o como elemento funcional da composição literária. Enquanto problema artístico, linha de força literária, o conceito filosófico de niilismo é limado, ganhando algumas características e perdendo outras. Caracteriza-se, nesse sentido, pela polissemia, abrangendo manifestações distintas – vários *Leitmotiven*, ou variações do *leitmotiv* em questão. Ao concluir a pesquisa, espero demonstrar que o niilismo é um traço fundamental da ficção do jovem Machado, que se estende por todas as fases de sua obra, e, nessa medida, sua descrição oferece uma contribuição para uma renovada compreensão das dimensões literária e filosófica da obra machadiana, revelando o niilismo como uma perspectiva a ser galhofada.

Palavras-chave: Machado de Assis. Nietzsche. Niilismo. Pessimismo.

O objetivo deste trabalho é argumentar que no romance *Ressurreição*, publicado por Machado de Assis em 1872, o pessimismo aparece configurado como protoforma do niilismo. Como objetivo específico, defendo que o protagonista Félix pode ser considerado um precursor de Bento Santiago, narrador de *Dom Casmurro*, porque ambos, movidos por ciúme doentio, rejeitam a possibilidade do amor verdadeiro e se condenam a um isolamento pejado de ilusões.

Ressurreição é a primeira das “obras que meditam sobre as consequências morais da obsessão amorosa, e que engendram dramas caracterizados pelo contraponto,

nem sempre nítido para o próprio herói, entre o ciúme, o ressentimento e o remorso” (PASSOS, 2007, p. 26-27).

O despretenso romance de estreia de Machado de Assis conta a história de Dr. Félix, rapaz vadio e desambicioso, “que parecia esquecido de Deus e dos homens” (ASSIS, 2008a, p. 237), o que nos remete à morte de Deus, evento fundamental da modernidade, que ocasiona a derrocada da moral judaico-cristã e da metafísica socrático-platônica, com a decorrente descrença em fundamentos metafísicos e morais absolutos, gerando niilismo – a falta de sentido que se instalou entre nós com a morte de Deus.

O desolado protagonista trocava de amantes a cada seis meses, até que seu amigo Viana apresenta-lhe a irmã Lívia e os dois se apaixonam. Depois de muitas idas e vindas, Félix pede a viúva em casamento, mas desiste na véspera do matrimônio por causa de uma carta anônima com acusações falsas contra a noiva. Graças à intervenção do amigo Meneses, Félix se arrepende de seu gesto impensado e tenta se reconciliar, mas Lívia se recusa a casar com um homem desconfiado e instável. Como resumiu Roberto Schwarz, no livro *Ao vencedor as batatas*:

Ressurreição (1872) é a história de um casamento bom para todos, que não se realiza devido aos ciúmes infundados do noivo. [...] O que falta a Félix, o noivo indeciso de *Ressurreição*, é a energia necessária para constituir família e tomar-se membro prestante da sociedade. A análise - essa força dissolvente - não vem aplicada ao instituto do casamento, mas às intermitências da vontade da personagem, que são lamentadas (SCHWARZ, 2000, p. 88).

O livro, que o autor chama de ensaio, tem por mote o exame da possibilidade ou impossibilidade da “ressurreição” (cura surpreendente e inesperada, nova vida, novo vigor) de duas personagens, Félix e Lívia, que haviam sido marcadas pela frustração de relações amorosas anteriores. O título refere-se, portanto, à ressurreição de um amor, o que não acontece. Fica uma lacuna, uma falta, falha, falência: uma vida sem amor. A incapacidade de amar como pessimismo, forma prévia de niilismo.

Apesar de ser visto ainda como uma preliminar, o pessimismo, com o questionamento dos impulsos instintivos e com sua valoração negativa da vida, tem um significado decisivo para o desenvolvimento do niilismo. Da forma superlativa do adjetivo latino *malus* – *pessimum*, “pessimismo” significa, etimologicamente, aquilo que há de pior, de mais detestável (CEI, 2016, p. 79).

O pessimismo pode ser considerado uma protoforma do niilismo porque, em seu primeiro sentido e em seu fundamento, niilismo significa o valor de nada assumido pela vida na medida em que é negada, depreciada; a ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, a vontade de nada que se exprime nesses valores superiores.

Seria Machado de Assis um autor pessimista? A fortuna crítica parte do pressuposto de que a obra machadiana é transmissora de uma filosofia niilista, geralmente atribuída a um suposto pessimismo do autor, sem deixar bem claras as acepções de pessimismo e niilismo empregadas. Em contrapartida, a minha pesquisa visa insistir nos aspectos que dificultam o enquadramento, e que precisamente por isso exigem interpretação.

A professora, tradutora e crítica norte-americana Hellen Caldwell avalia que a definição machadiana de pessimismo difere daquela de seus contemporâneos. Um otimista, na opinião de Machado, é um idiota; ao passo que o pessimista é um idealista. “Certamente ele não tomou seu pessimismo tão a sério” (CALDWELL, 1970, p. 122), pode-se concluir com a autora norte-americana.

Segundo Caldwell, o tema de *Ressurreição* é a dúvida do Eu, que engendra a suspeição sobre os outros. Félix, abençoado com dinheiro, boa educação, gosto refinado e o amor leal de uma boa e bela mulher, não consegue desfrutar esse amor por causa de ciúmes infundados:

O título *Ressurreição* explica a ação: o “coração” mortificado de um homem, ou sua “capacidade de amar”, retorna à vida pela chama quente do amor de uma mulher para, em seguida, voltar novamente à cova, extinto pelo ciúme. O ciúme é engendrado pela “desconfiança”. (Os dicionários de português definem “desconfiança” como lapso de verdade, disposição para suspeitar da honestidade e sinceridade de outrem, disposição para se sentir ofendido, temor de ser enganado, disposição para exagerar as coisas e tomar observações ou brincadeiras como afronta pessoal, falta de confiança em si e nos outros). (CALDWELL, 2008, p. 43-44).

Félix, incapaz de confiar nos outros, torna-se, nas palavras do narrador, “instrumento de sua própria ruína” (ASSIS, 2008a, p. 266), pois rejeita o amor e se condena a um isolamento pejado de ilusões. Antecipa, assim, o desenvolvimento mais complexo do mesmo tema em *Dom Casmurro*. Em suma, Félix, assim como Bento Santiago, seria um homem do ressentimento, sujeito refém de seu passado e de suas marcas, desprovido daquela que seria a autêntica ação, a afirmativa, lhe restando somente a reação, que consiste numa espécie de autoenvenenamento que o devora por

dentro. Impotente quanto ao que foi feito, ele é um irritado espectador de tudo o que passou – um niilista ressentido. Semelhanças entre os dois livros não deixam de chamar a atenção dos leitores. Como resumiu bem Caldwell, no livro *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*:

Semelhanças superficiais entre este romance e *Dom Casmurro* não deixam de espantar o leitor. Mas os personagens deste primeiro romance de Machado, apesar de um pouco rígidos – ou talvez exatamente por isso – são bem delineados. Não há dúvida da vileza de Iago, nem do fiel amor de Desdêmona, nem da falha de seu Otelo. Félix, abençoado com dinheiro, boa educação, gosto refinado e o amor leal de uma boa e bela mulher, é impedido de desfrutar esse amor por sua “desconfiança”, que engendra as dúvidas do ciúme. (CALDWELL, 2008, p. 48).

O último parágrafo de *Ressurreição* apresenta a síntese da narrativa e explica o título do romance, que se refere à possibilidade de Félix voltar a amar, o que não ocorre, pois mesmo na ausência de confirmação da infidelidade de sua amada, ele sofre com “dúvidas póstumas” que jamais permitiram conciliar o sentimento e as constantes suspeitas. O narrador conclui oferecendo uma máxima de caráter moralizante:

Dispondo de todos os meios que o podiam fazer venturoso, segundo a sociedade, Félix é essencialmente infeliz. A natureza o pôs nessa classe de homens pusilânimes e visionários, a quem cabe a reflexão do poeta: “perdem o bem pelo receio de o buscar”. Não se contentando com a felicidade exterior que o rodeia, quer haver essa outra das afeições íntimas, duráveis e consoladoras. Não a há de alcançar nunca, porque o seu coração, se ressurgiu por alguns dias, esqueceu na sepultura o sentimento da confiança e a memória das ilusões. (ASSIS, 2008a, p. 314).

Vemos uma conclusão de corte tradicional, que explica o fio condutor da trama e sana todas as possíveis dúvidas do leitor. Com essas respostas definitivas, nada resta acrescentar. Estilo bem distinto do Machado pós-1880, que apresenta ambiguidade formal, incerteza e enigmas jamais resolvidos – vide a traição de Capitu, que ainda hoje suscita discussões. Ainda assim, como observa Enylton de Sá Rego, “o texto do romance, com sua minuciosa análise da melancólica indecisão de Félix, causada pelo demônio da dúvida, prefigura este tipo de método metaforicamente ‘anatômico’, analítico e minucioso, plenamente desenvolvido por Machado a partir das *Memórias póstumas de Brás Cubas*”. (REGO, 1989, p. 109).

Félix, que também podemos considerar um precursor da personagem Flora, de *Esaú e Jacó*, opta por não optar. Ele é marcado por inconstância, fraqueza da vontade e inércia pela sua incerteza quanto ao humano, resultando numa desconfiança que conduz à “radical rejeição de valor, sentido, desejo” (NIETZSCHE, 1999, p. 125). Espírito indeciso e inerte, decidindo-se sistematicamente pela incerteza, ele não acusa Lúvia, não se opõe abertamente a Luís Baptista, não suspeita de Meneses e não abandona Raquel.

Uma perspectiva de estudo

Este trabalho resulta de uma perspectiva de investigação surgida imediatamente após a conclusão da pesquisa para o livro *A voluptuosidade do nada: niilismo e galhofa em Machado de Assis* (CEI, 2016) e é, portanto, uma posição teórica ainda em desenvolvimento. No trabalho mencionado, propus a revisão de alguns posicionamentos críticos relativos ao niilismo desenvolvidos e consolidados pela tradição. Identifiquei na fortuna crítica machadiana uma sutil, mas sempre presente, necessidade de expurgar a marca do niilismo da obra de Machado de Assis, como se essa pecha configurasse, por si só, um demérito qualitativo. Depois de chamar atenção para a escassez da literatura secundária a respeito do niilismo na obra de Machado, o objetivo central do livro foi o de oferecer tal documentação, mostrando os sentidos que o niilismo assume na prosa machadiana: ora designa a condição humana, ora a feição pessoal dos narradores ou personagens, ora uma característica da sociedade brasileira, sempre como perspectiva a ser galhofada.

Constatei que embora o niilismo na obra do escritor brasileiro apresente várias afinidades eletivas com os conceitos de niilismo europeu e niilismo russo apresentado por autores como Nietzsche e Dostoiévski, ele estrutura-se a partir de questões machadianas específicas que percorrem os seus romances da maturidade: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1900), *Esaú e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908).

Concluí que as duas obras narradas em terceira pessoa configuram o niilismo no contexto de modernização do Rio de Janeiro, enquanto nos romances narrados em primeira pessoa os três memorialistas reagem cada um à sua maneira: superação da finitude e negatividade total (Brás Cubas), ressentimento (Bento Santiago) e ideal ascético (Conselheiro Aires).

Dando continuidade ao livro *A voluptuosidade do nada*, em janeiro de 2016 iniciei o projeto de pesquisa “O trabalho surdo da destruição: o niilismo na prosa do

jovem Machado de Assis”. O objetivo geral é argumentar que o niilismo é um motivo condutor dos quatro primeiros romances publicados por Machado de Assis, aparecendo como perspectiva a ser galhofada. As principais reivindicações são: em *Ressurreição* (1872) e *A Mão e a Luva* (1874) o pessimismo aparece configurado como protoforma do niilismo; em *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) o niilismo aparece configurado na dissolução dos valores senhoriais; o jovem Machado de Assis teve uma aguda consciência do caráter complexo e multifacetado da presença do niilismo em seu tempo.

Advertência

A divisão da obra machadiana em duas fases, instituída pelo crítico José Veríssimo – “As *Memórias póstumas de Brás Cubas* eram o rompimento tácito, mais completo e definitivo de Machado de Assis, com o Romantismo sob o qual nascera, crescera e se fizera escritor” (VERISSIMO, 2013, p. 428) – apesar de controversa, costuma ser aceita pela maioria dos pesquisadores, que oferecem um conjunto amplo de “teorias explicativas para a virada da primeira para a segunda fase” (GUIMARÃES, 2004, p. 34). Ademais, teve a simpatia do próprio escritor, conforme expresso em carta de 15 de dezembro de 1898 destinada ao próprio Veríssimo: “O que você chama a minha segunda maneira naturalmente me é mais aceita e cabal que a anterior, mas é doce achar quem se lembre desta, quem a penetre e desculpe, e até chegue a catar nela algumas raízes dos meus arbustos de hoje” (ASSIS, 2008b, p. 1367).

Uma análise detida e pormenorizada dos critérios de classificação periódica da obra de Machado de Assis extravasaria o escopo deste trabalho. Não obstante, ainda que não possamos falar de períodos estanques marcados por rupturas drásticas, por existir uma continuidade rigorosa, mas difícil de estabelecer, entre as obras publicadas antes e depois de 1880, tal divisão é adotada por boa parte dos estudiosos, teve a simpatia do autor e ainda atende à necessidade de delimitação do *corpus*.

Referências

ASSIS, Machado de. *Resurreição*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

_____. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Gomes de Oliveira & C., 1874.

_____. *Helena*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1876.

_____. *Yayá Garcia*. Rio de Janeiro: G. Vianna & C., 1878.

_____. *Memórias Posthumas de Braz Cubas*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1881.

_____. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1891.

_____. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899.

_____. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904.

_____. *Memorial de Ayres*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

_____. Ressurreição. In: _____. *Obra completa, em quatro volumes*: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008a.

_____. Correspondência. In: _____. *Obra completa, em quatro volumes*: volume 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008b.

CALDWELL, Helen. *Machado de Assis: the Brazilian master and his novels*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1970.

_____. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. Trad. Fábio Fonseca de Melo. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.

CEI, Vitor. *A voluptuosidade do nada: niilismo e galhofa em Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2016.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nakin Editorial, EDUSP, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Nachgelassene Fragmente 1885-1887. In: _____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin, New York: de Gruyter, 1999 (Band 12).

PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis: o romance com pessoas*. São Paulo: EDUSP, Nankin, 2007.

REGO, Enylton de Sá. *O calundu e a panaceia: Machado de Assis, a sátira menipeia e a tradição luciânica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

VERISSIMO. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013 (Coleção biblioteca básica brasileira; 47).